

PROPÉRCIO, I 1; I 2; I 7; I 12 ALGUMAS ELEGIAS DO LIVRO DE CÍNTIA¹

Apresentação

Desde o poeta grego Mímmerno de Colofão (c. 630 a. C.), a poesia amorosa pôde-se valer do dístico elegíaco para a expressão de seus temas. Na base dessa possibilidade métrica, estava uma certa oposição formal entre a adoção monolítica do hexâmetro pela poesia narrativa e o uso alternado de um hexâmetro e de um pentâmetro pela poesia que tratava de sentimentos mais pessoais. A princípio, marcava-se assim significativamente, através da escolha do próprio metro, o caráter mais objetivo ou subjetivo do poema.

Embora a elegia tenha sido pouco cultivada durante os séculos V e IV, o aproveitamento métrico do dístico elegíaco é resgatado mais tarde pelos poetas alexandrinos, com seu sofisticado gosto mitológico e alusivo, como o sempre lembrado Calímaco (c. 270 a. C.), que exercerão forte influência na poesia romana produzida principalmente a partir de Catulo (aprox. 84-54 a. C.).

Antes do séc. I a. C., a poesia lírica alcança pouca expressão entre os latinos. Mas, a partir da metade do celebrado “Século de Ouro”, o lirismo romano se afirma com o grupo de “*poetae novi*”, tendo Catulo como grande expoente. Em seu famoso poema 85, o cantor de Lésbia apresenta – condensado em um único dístico – o projeto elegíaco amoroso que seria posteriormente desenvolvido em Roma:

*Odi et amo. Quare id faciam, fortasse requiris.
Nescio, sed fieri sentio et excrucior.*

Odeio e amo! Como pode ser?
Não sei, não me perguntes, sinto apenas
e assim me dilacero!²

¹ Tradução do texto latino: PROPERCE. *Élegies*. 2^e ed. Texte établi et traduit par D. Paganelli. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

² Tradução do texto latino: CATULLE. *Poésies*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1974.

Desde então, a elegia romana está pronta para acolher na fôrma de seus dísticos as mais variadas cenas e impressões ocasionadas pelo subjetivismo amoroso. Esse desenvolvimento da poesia elegíaca atingirá o ápice no tempo de Augusto, fazendo um interessante contraponto à poesia, por assim dizer, de tom mais “sério” e associada a interesses do Estado (como então Mecenas, espécie de ministro da cultura, procurava incentivar). Assim, teremos as obras de Tibulo (aprox. 60-19 a. C.), de Ovídio (43 a. C.-17 d. C.), e de Propércio (aprox. 50-16 a. C.), autores que cultivarão em suas elegias, cada qual em seu estilo próprio, a paixão erotizada por figuras como, respectivamente, Délia, Corina e Cíntia.

Embora se fale naturalmente da elegia como expressão de sentimentos mais pessoais, de um modo geral, nos elegíacos romanos o amor aparece como uma representação bastante convencional, por vezes mesmo caricatural, carregada de certo artificialismo irônico que caracteriza o próprio o gênero. Lembrando Paul Veyne,³ a convenção de base da poesia erótica romana é:

existe um mundo elegíaco imaginário, espécie de mundo bucólico com roupas comuns e não com roupas de pastor, onde a única preocupação é amar; mas, para que essas imaginações sejam mais divertidas do que sonhadoras, toda seriedade será afastada através de um humor leviano. O que se rechaça é a emoção verdadeira.

Se o juízo de Paul Veyne pode parecer um tanto excessivo talvez diante do tom singelo e tranquilo de Tibulo, certamente não o será no caso de Propércio, cujo estilo, rebuscado e nervoso, encontra força justamente num atormentado simulacro idílico, que não busca por si mesmo convencer como verdade, mas, antes, deixa transparecer, como efeito jocoso, seu pleno artificialismo.

Nos quatro livros de elegias compostos por Sexto Propércio, o tema principal é a arrebatada paixão do poeta pela desconcertante Cíntia, musa mundana, vaidosa e venal, graciosa e inconstante. O poeta se apresenta como cativo de um amor servil, uma paixão exagerada que o aflige e o consome, à qual não pode, e não quer, resistir. A publicação do primeiro desses volumes, o *Cynthia monobiblos* (“O livro de Cíntia”), por volta de 26 a. C., garantiu a fama do autor e sua admissão ao mesmo círculo literário de que participavam Virgílio e Horácio.

³ VEYNE, P. *A elegia erótica romana: o amor, a poesia e o Ocidente*. Trad. Milton Meira do Nascimento e Maria das Graças de Souza Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 63.

Apresentam-se a seguir alguns poemas traduzidos d'O *Livro de Cíntia*, as elegias 1, 2, 7 e 12, em que, experimentalmente, procurou-se adotar um possível padrão de equivalência ao dístico elegíaco, valendo-se de uma pequena estrofe vernácula composta de dois decassílabos seguidos de um hexassílabo, sem qualquer preocupação com rimas. A mistura de versos de dez sílabas com versos de seis é natural à poética do português, e conta com boa tradição literária, pelo fato de o ritmo assim proporcionado não sofrer quebra brusca, mantendo-se sempre a percepção de um acento fundamental na sexta sílaba. Assim, a variação métrica possibilitada pela ocorrência do hexassílabo após dois decassílabos tem justamente a virtude de tornar mais leve e fluida a estrofe, aproximando-se, conforme parece, do efeito suscitado pela alternância de um verso mais longo, o hexâmetro, e outro um pouco mais curto, o pentâmetro, no dístico elegíaco.

Do ponto de vista da extensão material dos versos, mantém-se uma proporção justa entre um dístico elegíaco latino e um terceto quebrado português. Se considerarmos que um hexâmetro tem em média 15 sílabas e um pentâmetro, 13⁴, podemos fixar como referência ideal o número de 28 sílabas na constituição média do dístico elegíaco. E se considerarmos que, em termos absolutos, um decassílabo tem em média 11 sílabas e um hexassílabo, 7⁵, chegamos a 29 como número médio de sílabas constituintes do nosso terceto quebrado. Trata-se, portanto, de um padrão que impõe à tradução um parâmetro bastante regular, impedindo que a frase em português se distenda ou se comprima demais. Evidentemente não há aqui qualquer pretensão de prescrever regras para a tradução do dístico elegíaco, mas tão-somente o entusiasmo de examinar uma possibilidade que parece ajustar-se bem ao espírito do português.

Tradução

I, 1

Cíntia com seus olhinhos me prendeu
a mim, pobre infeliz, jamais tocado
por nenhuma paixão.

⁴ De acordo com a configuração variável de pés dátilos ou espondeus, um hexâmetro apresenta de 13 a 17 sílabas, e um pentâmetro, de 12 a 14.

⁵ Levando em conta o padrão paroxítono do português, normalmente à contabilidade métrica dos versos escapará uma sílaba (átona).

Então Amor lançou por terra a luz
do meu constante brio, calcando os pés
sobre a minha cabeça,

e ainda me ensinou, o descarado,
a detestar as moças recatadas
e a viver sem juízo.

Um ano, essa loucura não me deixa;
e, enquanto isso, sou forçado a ter
os deuses contra mim.

Milanião, por não poupar esforços,
abalou, Tulo, a firme resistência
da Iásida cruel,

pois, sem mais, pelas grutas do Partênio,
vagava doido e ia e encarava
as feras mais selvagens

e logo então, ferido por Hileu,
sentiu da clava o golpe e lamentou-se
aos rochedos da Arcádia.

E ele à moça veloz assim venceu:
é que, no amor, de fato têm valia
súplicas e favores.

Comigo o Amor é lerdo, desastrado,
nem ao menos se lembra de seguir
caminhos conhecidos.

Mas vós que enfeitiçais até a lua
e tendes consumado sacrifícios
em mágicos altares,

mudai o coração da minha amada,
tornai-a, vamos, pálida ainda mais
que a minha própria cara!

Então eu hei-de crer que vós podeis,
com dons de Citaíne, impor o curso
dos rios e das estrelas.

E vós, que só agora me apontais
o engano, amigos, ide obter a cura
de um peito já doente!

Sofrerei firme o ferro e o fogo ardente;
só peço a liberdade de falar
conforme queira o impulso.

Pelos povos distantes, pelos mares,
levai-me, e que mulher nenhuma possa
descobrir meu caminho.

Mas vós, a quem um deus propício ouviu,
aqui ficai e, unidos, estejais
num sempre certo amor.

Quanto a mim, são amargas minhas noites,
atormenta-me Vênus, e jamais
o Amor me deixa em paz.

Evitai este mau, vos aconselho:
cada um, bem ao pé do seu amor
e dele não se afaste!

Depois, se alguém fizer ouvidos moucos,
ai dele! com que dor relembrará
estas minhas palavras!

I, 2

Por que te agrada tanto, vida minha,
sair, penteado feito, esvoaçante,
num vestido de Cós,

e com mirra do Oronte perfumar
tanto as tranças; vender-te assim às tontas
por brindes importados

e trocar a beleza natural
por um luxo venal que impede ao corpo
mostrar seu brilho próprio?

Creme o teu rosto, crê-me, não requer:
singelo, Amor não ama a formosura
em formas de artifício.

Olha que belas cores traz a terra
para que venha mais vistosa a hera,
espontânea em si mesma,

e cresça mais formoso o medronheiro,
no abandono das grutas, e a água indócil
reconheça as veredas.

Matizada de seixos naturais,
a praia encanta, e sem adestramento
cantam mais doce as aves.

Não foi assim que as filhas de Leucipo,
a Cástor, Febe e a Pólux, Hilaíra,
de paixão inflamaram;

não foi luxo o que fez de Eveno a filha
ser disputada outrora, em praias pátrias,
por Apolo e por Idas;

nem foi com falsa alvura que Hipodâmia
fiscou o esposo frígio e foi levada
em rodas estrangeiras

(ao contrário, ela tinha a face pura
das pedras preciosas, como a cor
nas pinturas de Apeles).

Qualquer vulgaridade, longe delas!:
na conquista aos amantes, o pudor
era a plena beleza.

Só temo parecer-te inferior
(hoje, se a moça agrada a um que seja,
já está bem arranjada),

inda mais quando Febo te oferece
os próprios versos, e Calíope, alegre,
te empresta a lira aônia,

pois não te falta a graça incomparável
das palavras nem tudo quanto aprovam
quer Vênus quer Minerva.

Por isso, em minha vida tu serás
contínuo encanto – desde que abandones
esse luxo infeliz!

I, 7

Enquanto Tebas, Pôntico, celebras
(de Cadmo a cidade) e as armas tristes
de exércitos irmãos,

com o próprio Homero as honras disputando
(ah, quem me dera o dom!: que seja brando
o fado com teus versos),

eu, como sempre, trato só de amores
e busco qualquer coisa que contente
minha severa dona;

mais à dor que ao engenho me sujeito,
tendo que lamentar os duros anos
da minha mocidade.

Tal estilo de vida me consome,
é esta a minha glória, de onde espero
a fama dos meus versos;

ter agradado a ela apenas, Pôntico,
e sofrido as injúrias da ardilosa:
que me louvem por isso;

depois, não deixe nunca de me ler
o amante desprezado e se instruir
conhecendo os meus males.

E se o menino arqueiro te acertar
a ti também (jamais desejaria
que esse deus te ferisse...),

longe os acampamentos, ai de ti!,
longe as sete colunas, chorarás
esse inerte silêncio;

desejarás compor um doce canto:
em vão! Amor, chegando assim tardio,
não te trará canções.

Então, não pensarás que sou menor,
então, como poeta irei à frente
dos talentos de Roma;

não poderão os jovens se calar
– “Cantor maior do nosso ardor, descansa!” –
diante do meu túmulo.

Se em teu orgulho os versos meus desdenhas,
cuidado: não é raro o Amor que atrasa
cobrar juro de mora!

I, 12

Por que não paras de fingir assim
 (“ora, é Roma a culpada desta minha
indolente demora”)?

Tão distante ela está de minha cama
quanto o Hípanis a milhas se mantém
do venético Erídano.

Já não me nutre o amor habitual
com seus abraços Cíntia nem sequer
sussurra em meus ouvidos.

Outrora eu lhe agradava: nesse tempo,
ninguém imaginou poder amar
com tal fidelidade.

Invejas despertei: um deus me arrasa?
De Prometeu nos montes apanhada,
que erva assim nos separa?

Já não sou quem eu era; a longa estrada
transforma as moças; quanto amor perdido
num espaço tão curto!

Agora sou forçado a conhecer
sozinho as longas noites: uma lástima
aos meus próprios ouvidos.

Feliz quem tem a chance de chorar
junto da namorada: Amor se alegra
com lágrimas que rolam;

ou, se o menosprezado for capaz
de mudar de paixão, trocar o jugo
também traz alegrias.

Mas amar outra, dela desistir
– Cíntia foi a primeira –, como posso!
– Cíntia será meu fim.

Apresentação e tradução de
MÁRCIO THAMOS
Faculdade de Ciências e Letras
Universidade Estadual Paulista (Araraquara)